

## UM TRADUTOR ITALIANO DE POESIA PORTUGUESA: CARLO VITTORIO CATTANEO

MANUEL G. SIMÕES\*

Os últimos trinta anos do século XX ficaram assinalados pela grande divulgação da poesia portuguesa em Itália através da atenção privilegiada de um número qualificado de tradutores, todos lusitanistas por profissão e/ou por paixão, entre os quais é justo destacar a actividade de Carlo Vittorio Cattaneo (Nettuno, 1941 – Roma, 1998), prematuramente desaparecido num trágico acidente, quando muito havia a esperar do seu dinamismo e do profundo conhecimento da poesia portuguesa contemporânea. Foi um tradutor incansável, como se pode ver pelo seu apaixonado interesse pelos maiores poetas da época, de que aqui se pretende dar justamente testemunho.

JORGE DE SENA

A primeira manifestação dessa actividade coincidiu com um trabalho de notável amplitude, precisamente com a colectânea de Jorge de Sena, *Esorcismi* (Milano, Accademia, 1974), ampla antologia que vai de *Perseguição* (1942) a *Exorcismos* (1972), contemplando assim uma escolha que incide sobre o inteiro corpus poético do autor, a quem Carlo Vitto-

---

\* Professor jubilado de Literatura Portuguesa e Brasileira da Universidade Ca' Foscari, de Veneza. Poeta e ensaísta.

rio Cattaneo já tinha dedicado estudos precedentes, elegendo-o até como tema da sua tese de licenciatura.

Este conhecimento patenteia-se na informada introdução onde se estabelece um balanço geral, ao mesmo tempo que oferece uma análise de cada uma das obras poéticas consideradas. É evidente que a escolha de um autor por parte do antologizador/tradutor, como foi o caso, pressupõe, à partida, uma empatia que acaba por se reflectir na reflexão crítica. A este respeito, já tive oportunidade de salientar, para além da agilidade rítmica da prática tradutológica, a intenção de encontrar para o poeta um espaço inédito e a explicação (exacta, em linhas gerais) para a hostilidade do ambiente, incluindo “la costante incomprensione dei letterati del proprio paese” (p.12), embora redimensionando algumas considerações:

Mas não se vê como *Perseguição* “dovrebbe scuotere l’ambiente letterario lusitano sia per le peculiarità formali sia per la prepotente personalità del poeta” (p.11), precisamente porque ainda não apresenta a audácia formal que faltara aos presencistas e que a sua futura poesia manifestará, ou como *O Indesejado* possa assinalar (e porquê) “una tappa importante del teatro portoghese moderno” (p.34)<sup>1</sup>.

De qualquer modo, a antologia cumpriu cabalmente a função de dar a conhecer em Itália, numa editora e numa colecção prestigiosas, dirigida pelo celebrado hispanoamericanista Giuseppe Bellini (que incluía autores como Neruda, Pessoa, Éluard, Hikmet, Jiménez, Asturias ou Senghor, sempre com traduções cuidadas e edições bilingues), o grande poeta português. Além do mais, contém um dos melhores estudos sobre a sua poesia, o que, globalmente, terá contribuído não pouco para a atribuição a Jorge de Sena do prémio Etna-Taormina em 1977.

---

<sup>1</sup> Manuel Simões, rec. a Jorge de Sena, *Esorcismi, Rassegna Iberistica*, n.º 1, 1978, p. 75.

O poeta português volta a ser proposto com o volume *Su questa spiaggia* (Roma, Foglio di Portucale, 1984), desta vez com a tradução, a duas mãos, de *Sobre Esta Praia* (1977), a cargo de Ruggero Jacobbi e Carlo Vittorio Cattaneo, e introdução de Luciana Stegagno Picchio. Em edição bilingue, como sempre, mas com menor visibilidade editorial e, portanto, com menor capacidade de difusão do texto seniano, a qual atinge, porém, um nível mais alto com a publicação de *Metamorfosi* (Roma, Ed. Empirìa, 1987), onde Carlo Vittorio Cattaneo retoma o projecto de divulgação da poesia portuguesa, traduzindo e comentando, desta vez, a colectânea *Metamorfoses*, de 1963, deixando, no entanto, de fora os “Quatro Sonetos a Afrodite Anadiómena”, dada a declarada intraduzibilidade, aqui explicada detalhadamente, e até porque, como refere o tradutor, o volume “mantiene la sua unità strutturale anche togliendo i quattro sonetti” (nota da ‘Introdução’, pp. 13-14). De acordo, porém, com Jorge de Sena, “os sonetos são na verdade a conclusão deste livro, como se, da concha tão rica de Morte, Afrodite brotasse qual a do quadro de Botticelli”<sup>2</sup>; razão por que, como diz Jorge Fazenda Lourenço, “a inclusão dos *Quatro Sonetos a Afrodite Anadiómena* permitiria a um vasto público italiano o conhecimento, tanto quanto [possível], de uma das obras-primas da poesia”<sup>3</sup>. E falando propriamente da tradução, numa criteriosa apreciação das “re-criações” em italiano, este crítico não poderia ser mais elogiativo: “elas são-me impecáveis, fidelíssimas, tanto quanto uma transposição o permite, da imagética e da prosódia senianas”<sup>4</sup>.

Não acaba aqui a exaustiva divulgação, em Itália, do Jorge de Sena poeta, se considerarmos que Carlo Vittorio Catta-

---

<sup>2</sup> Jorge de Sena, “Posfácio” a *Metamorfoses, seguidas de Quatro Sonetos a Afrodite Anadiómena*, Lisboa, 1963, p. 127.

<sup>3</sup> Jorge Fazenda Lourenço, “Jorge de Sena por Carlo Vittorio Cattaneo, na publicação da edição italiana de “Metamorfoses”, *Colóquio/Letras*, 98, Jul. 1987, p. 94.

<sup>4</sup> *Ib.*, p. 94.

neo dele se volta a ocupar com a publicação de *Arte Musicale* (Roma, Ed. Empirìa, 1993), traduzindo agora o original *Arte da Música*, inserido em *Poesia II* (1978). E para além da obra poética de Jorge de Sena, o mesmo tradutor divulgou igualmente alguns textos do prosador, seleccionando o conto *Storia del Peixe-Pato* (Roma, Ed. Empirìa, 1987), que corresponde ao original “História do Peixe-Pato” (de *Antigas e Novas Andanças do Demónio*, 1978); e a colectânea de contos *La notte che era stata di Natale* (Roma, Ed. Empirìa, 1990), escolha a partir da mesma publicação que, como se sabe, fundiu *Andanças do Demónio* e *Novas Andanças do Demónio*<sup>5</sup>. De todo este importante trabalho, Jorge de Sena viria a ficar-lhe reconhecido e talvez até exageradamente generoso ao incluir Carlo Vittorio Cattaneo, não sem surpresa pela sua importância relativa no panorama poético italiano, a encerrar a conhecida antologia de traduções *Poesia do Século XX (De Thomas Hardy a C.V. Cattaneo)*, de 1978. O seu tradutor era também poeta mas sem o reconhecimento desta hiperbólica dimensão.

#### EUGÉNIO DE ANDRADE

Um outro poeta português privilegiado por Carlo Vittorio Cattaneo foi sem dúvida Eugénio de Andrade, de quem organizou e publicou três colectâneas: *Ostinato rigore* (Roma, Ed. Abete, 1975); *Memoria d'un altro fiume* (Siena, Quaderni di Messapo, 1983), título que retoma o original *Memória Dou-*

---

<sup>5</sup> O autor português foi ainda objecto de atenção por parte de outros tradutores. Mencione-se o conto fantástico *Il Medico Prodigioso (O Físico Prodigioso)*, da responsabilidade de Luciana Stegagno Picchio (Milano, Feltrinelli, 1987); a colectânea de contos *La Gran Canaria e altri racconti* (Roma, Ed. Riuniti, 1988), com tradução de Vincenzo Barca e prefácio de Luciana Stegagno Picchio, a partir de *Os Grão-Capitães* (1976); o conto *La finestra d'angolo* (Palermo, Sellerio, 1991), tradução de Vincenzo Barca do texto “A Janela da Esquina” (*Andanças do Demónio*, 1960), além da sua inclusão na antologia *Da Pessoa a Oliveira. La Moderna Poesia Portoghese*, a cura di Giuseppe Tavani, Milano, Accademia, 1973, pp. 339-349.

tro Rio (1978), embora a antologia, bilingue como em todos os casos, inscreva também textos de *Os Amantes sem Dinheiro* (1950), *As Palavras Interditas* (1951), *Limiar dos Pássaros* (1976) e *As Vertentes do Olhar* (1987); e *Vigilia dell'Acqua* (Roma, Ed. Empiria, 1990) que contempla o volume *Véspera da Água* (1973) do conhecido poeta<sup>6</sup>. Das três publicações é sem dúvida a primeira a de maior amplitude e a que apresenta um estudo introdutivo mais orgânico. É verdade que o antologador prefere abordar o corpus poético do autor analisando separadamente os diferentes livros do poeta, adotando um esquema já aplicado a *Esorcismi* de Jorge de Sena, seguindo portanto, ponto por ponto, o itinerário de uma poética. De resto, é explícita a sua proposta de elaborar não “um exame profundo da obra de Eugénio de Andrade, mas uma exposição dos conteúdos e dalguns aspectos estilísticos, observados no seu desenvolvimento temporal” (p. 10). Isto não invalida a atenta leitura propiciada pela ‘introdução’ e a escrita simultaneamente rigorosa e aprazível, até pelo seu grau de poeticidade.

Quanto à tradução, e sem contrariar o que sumariamente foi dito por Jorge Fazenda Lourenço a propósito de *Meta-morfosi* de Sena, transcrevo o que já tive oportunidade de referir noutra lugar textual e logo a seguir à edição da versão italiana de *Ostinato rigore*:

Tratando-se de uma poesia altamente polissémica, a tarefa de tradução apresenta-se árdua e com problemas que Carlo Cattaneo resolveu de modo a assegurar a transmissão do prazer estético que o original provoca. Considerando, porém, os diversos níveis do texto, momentos houve em que o tradutor privilegiou o nível semântico sem atender ao nível fonológico, quando poderia ter optado por um signifiante que respeitasse o original<sup>7</sup>,

---

<sup>6</sup> O tradutor já tinha publicado recensões críticas a *Véspera da Água* (*Colóquio/Letras*, 28, Nov. 1975, pp. 71-72) e a *Memória Doutra Rio* (*Ib.*, 51, Set. 1979, pp. 73-74).

<sup>7</sup> Manuel Simões, rec. a Eugénio de Andrade, *Ostinato Rigore*, *Colóquio/Letras*, 40, Nov. de 1977, p. 82.

na sua dupla vertente, o que teria evitado a tradução da sequência “palavras interditas” por “parole vietate” ou dos lemas “amantes” por “innamorati”, de “rumor” por “brusio” e “fruscio”, entre outros exemplos.

#### OUTROS POETAS

O vasto conhecimento que Carlo Vittorio Cattaneo revelou possuir sobre a poesia portuguesa contemporânea manifestou-se na intensa reflexão acerca de outras poéticas, para além dos dois autores anteriormente considerados. Enquanto preparava as várias edições de Jorge de Sena e de Eugénio de Andrade, o tradutor foi considerando outras vozes que certamente tocaram mais de perto a veia sensível do crítico. É deste modo que surgem duas colectâneas dedicadas a Herberto Helder: *Vocazione Animale* (Siena, Quaderni di Messapo, 1982), partindo dos dois volumes de *Poesia Toda* (1981); e *Flash* (Roma, Ed. Empiria, 1987), que reproduz o original com o mesmo título, de 1980.

A estas se seguiram, quase ininterruptamente, traduções de Sophia de Mello Breyner Andresen, *Il Nome delle Cose* (Roma, Fogli di Portucale, 1983), traduzindo o texto original *O Nome das Coisas* (1977); de Vasco Graça Moura, *Nodo Cieco, il ritorno* (Roma, Ed. Florida, 1984), vertendo o volume *Nó-Cego, o Regresso* (1982); de Al Berto, *Lavori dello sguardo* (Roma, Ed. Florida, 1985) que corresponde ao original *Trabalhos do Olhar* (1982); e de António Osório, *Decima Aurora* (Roma, Ed. Florida, 1986), traduzindo o original com o mesmo título (*Décima Aurora*, 1982). Deste último poeta, Carlo Vittorio Cattaneo tinha já publicado, com o título *Aria d'Italia*, traduções de alguns poemas na *Nuova Rivista Europea* (Milano, n.º 3, Abril de 1983), onde sublinha alguns aspectos biográficos e traços distintivos da sua poesia:

Figlio di madre italiana (fiorentina) è cresciuto a cavallo di due lingue e due culture e la forte identità portoghese si scontra continuamente, in

lui, com uma struggente nostalgia dell'Italia e, in particolare, di Firenze. La sua poesia limpida, essenziale, sempre in bilico tra la tradizione (con strane infiltrazioni di ermetismo nostrano) e le istanze più recenti, costituisce un caso di singolare anomalia nel panorama poetico portoghese degli anni 70. In lui riemerge prepotente l'elegia degli affetti familiari, un senso di religiosa solidarietà verso tutti gli esseri viventi, una *charitas* che si china su tutti gli umili e gli umiliati, un ricupero di radici contadine pieno di sollecitudine verso il mondo vegetale e animale, la capacità di stupirsi per il ciclico morire e rinascere della natura, una gratitudine sincera per esser stato coinvolto nel mistero della vita e, più in generale, dell'esistere.<sup>8</sup>

Mas o mesmo estudioso já precedentemente tinha começado a ocupar-se da poesia do autor português: “Música Italiana em Versos Portugueses” (*Expresso* de 23-12-1981; “António Osório: religiosidade sem ritos” (*Expresso* de 9-4-1983); e “Do Paraíso à Realidade” (*Expresso* de 24-12-1983), acentuando, sobretudo no primeiro artigo, a marca italiana na obra de A. Osório<sup>9</sup>.

E para terminar a memória deste gigantesco trabalho à volta da nossa poesia e sua divulgação em Itália, resta referir a tradução de Adília Lopes, *Il Poeta di Pondichéry* (Roma, Ed. Empiria, 1988), vertendo o original com o mesmo título que a poetisa portuguesa tinha publicado apenas dois anos antes. Uma actividade que só se pode compreender como autêntica paixão de estudioso, o qual, com manifesta competência,

---

<sup>8</sup> Cit. de António Osório, *A Luz Fraterna. Poesia Reunida*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2009, p. 626.

<sup>9</sup> Posteriormente este poeta português voltou a ser proposto em Itália através de *Bes-tiario*, com trad. e int. de Guia Boni (Roma, Ed. Empiria, 2004); de *L'ignoranza della morte / A Ignorância da Morte* (Pasian di Prato, Campanotto Editore, 2008), com tradução, estudo introdutivo (pp. 9-88) e aparatos de Marco Bruno; e da antologia *Torno con te a Ulisse* (Roma, Ed. Empiria, 2009), com selecção, tradução e introdução (“António Osório: ritorno a Ulisse”) de Guia Boni a partir dos originais *A Raiz Afectuosa* (1972), *A Ignorância da Morte* (1978), *O Lugar do Amor* (1981), *Décima Aurora* (1982), *Adão, Eva e o mais* (1983), *Planetário e Zoo dos Homens* (1990), *D. Quixote e os Touros* (1991), *Crónica da Fortuna* (1997), *Libertação da Peste* (2002) e *A Casa das Sementes* (2006).

estabeleceu um autêntico projecto de investigação sobre a poesia portuguesa dos anos 70-90 do século XX, se considerarmos até vinte recensões críticas publicadas na revista *Colóquio/Letras*, entre 1975 e 1983, todas dedicadas a textos poéticos editados nestas duas décadas e contemplando, para além das duas que consagrou a Eugénio de Andrade, atrás referidas, autores importantes da poesia portuguesa contemporânea, de que se salientam Joaquim Manuel Magalhães, João Miguel Fernandes Jorge, Fiama Hasse Pais Brandão, Pedro Tamen, António Ramos Rosa, Gastão Cruz e Nuno Júdice, entre outros.

Quanto ao impacto que a sua actividade de tradutor terá tido em Itália, o discurso é mais complexo, dado que a visibilidade das obras ficou condicionada, com uma ou outra excepção, à limitada incidência nos circuitos do mercado livreiro, por parte das editoras implicadas. É evidente que Carlo Vittorio Cattaneo foi forçado a utilizar os meios à sua disposição – isto é, as editoras disponíveis e os eventuais apoios à edição –, o que reduziu a possibilidade de fazer chegar ao grande público o produto do seu inestimável trabalho.

De resto, se este problema se põe com acuidade, em termos gerais, à fruição italiana do corpus da literatura portuguesa<sup>10</sup>, com maior razão a poesia, se excluirmos o caso de Fernando Pessoa, tem ficado sempre confinada quase exclusivamente ao âmbito universitário, sem conseguir transpor as barreiras da indústria cultural.

---

<sup>10</sup> Veja-se, a este propósito, as minhas considerações no artigo “A difusão do conto português em Itália: o ano da graça de 2006”, *Estudos Italianos em Portugal*, nova série, 2, 2007, pp. 379-381; e a excelente (e pertinente) reflexão de Roberto Mulinacci, “Come il Portogallo è diventato un’isola. La letteratura portoghese in traduzione italiana”, *Estudos Italianos em Portugal*, nova série, 6, 2011, pp. 179-185.